

# Histórias de Ananse

Adwoa Badoe

Ilustrações Baba Wagué Diakité

Tradução Marcelo Pen

Temas África Ocidental; Tradição oral; História; Cultura



## GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



96 páginas



**A AUTORA** Adwoa Badoe nasceu em Gana, região oeste da África, onde estudou medicina, mas logo começou a se interessar pela atividade de contadora de histórias. A maioria das narrativas deste livro, ela ouviu durante a infância e a mocidade. Mais tarde, registrou-as por escrito ao seu modo e conforme se lembrou delas, contando com a ajuda de outros ganenses. Adwoa mora em Ontário, Canadá, onde, além de contar histórias, ensina dança e história africanas e participa de projetos de divulgação da cultura de seu povo. Ela tem vários outros livros infanto-juvenis publicados. Vale a pena visitar seu *site*: [www.afroculture.com](http://www.afroculture.com)

**O ILUSTRADOR** Baba Wagué Diakité nasceu no Mali, região oeste da África. Assim como em Gana, lá os griôs (contadores de histórias tradicionais) também são os principais transmissores do conhecimento sobre o passado. Ele cresceu como um menino de aldeia, com a família, cuidando do rebanho, brincando nos campos e observando a natureza e os animais. Recebeu educação escolar nos moldes ocidentais depois de se mudar para Bamako, capital do Mali. Mais tarde, aprendeu cerâmica e foi morar nos Estados Unidos, onde passou a usar esse suporte em suas pinturas.



2008996275013

## UM MUNDO DE EXPERIÊNCIAS

*Histórias de Ananse* é um conjunto de contos da tradição oral de Gana, na África Ocidental. A autora recolheu essas narrativas do fundo de sua memória de infância e retrabalhou-as literariamente. As dez histórias do livro são protagonizadas pela aranha Ananse, personagem que usa a sabedoria, a astúcia e se vale de artimanhas para atingir seus objetivos. Em geral, ele se dá bem, mas às vezes acaba levando a pior – e refugia-se no teto de casa, envergonhado.

Com muito bom humor, o livro mostra que a esperteza deve ser bem dosada e aplicada de acordo com cada situação. Não há comportamentos absolutamente corretos ou errados, pois todo ato traz conseqüências diversas e deve ser considerado em relação a outras atitudes, de si mesmo e dos outros.

Nas *Histórias de Ananse*, fantasia e realidade se encontram para criar um mundo de experiências mais ricas. Pensar que a magia da fábula pode ainda estar presente, de inúmeras formas, entre nós, homens e mulheres modernos, é também pensar na diversidade do gênero humano e das culturas criadas pelo homem.

*A pertinência de contar essas histórias ainda hoje – e em lugares com culturas diferentes daquela na qual elas foram criadas – se liga à valorização da diversidade, da pluralidade de enfoques sobre o mundo e do multiculturalismo.*

## O LIVRO

### AS HISTÓRIAS DE ANANSE

Nas dez aventuras do livro, Ananse termina como perdedor em seis e vence em quatro. A esperteza que guia seus atos, portanto, pode ser castigada ou recompensada. Ananse se dá bem quando não lesa seriamente ninguém e, de maneira inofensiva, apenas se mostra mais astuto que seu adversário.

- Em “Ananse vira dono das histórias”, o protagonista cumpre as tarefas que lhe são destinadas para realizar o desejo de se tornar o maior contador de histórias. Ele usa sua astúcia para capturar, sem lhes causar mal, as abelhas, o duende da floresta e a pítton.
- Já em “Ananse, o convidado sem memória”, ele tem de se safar de uma enrascada em que se enfiou: depois de viajar dias e dias, ele chega a um aldeia onde o prato principal é mandioca,



alimento pouco apetitoso para Ananse. A princípio, ele diz que não pode comer mandioca, mas fica tão faminto que tem de consertar a mentira. Ele encena um ato estapafúrdio para dar a entender que sofre de súbitos “esquecimentos” e sua trapalhada acaba conquistando a simpatia dos moradores locais.

- Na história “Confidências de esteira”, Ananse “dá o golpe” duas vezes: encontra uma maneira inteligente de conquistar a mão da filha do rei ao trapacear na prova dos pretendentes e, depois, já casado com a princesa, a engana para que ela não revele seu estratagema.
- Em “Por que o focinho do porco é curto”, ele despista e enrola um agiota, levando-o a perder seu “instrumento de trabalho”: a tromba que lhe permitia farejar e encontrar os devedores. Por outro lado, quando se dá mal e se refugia no canto do teto como aranha e não mais como homem, é porque suas artimanhas não só prejudicaram seus oponentes como o levaram a se comportar de maneira inaceitável e vexatória.
- Na história que abre o livro, “Por que Ananse vive no teto”, ele age de forma egoísta e dissimulada diante da própria família. É castigado com a revelação e a exposição pública de sua trapaça.
- “Ananse e o pote dos banquetes” expõe a ganância que faz com que o protagonista não perceba o bem comum que acompanha a glória do filho. Ananse age de forma obstinada e egoísta, contrariando as instruções de uma velha, símbolo de sabedoria. Ao final, sua atitude prejudicial mais uma vez é exposta publicamente.
- Também em “Ananse, o juiz imparcial”, o erro do personagem é tentar agradar a todos ao mesmo tempo, de maneira a não arriscar seu posto de destaque como juiz. Mas no afã de prestigiar duas cerimônias simultâneas, ele acaba desagradando aos dois povoados.
- Em “Ananse e o pote da sabedoria”, quando está para prejudicar a todos – ao reunir toda a sabedoria existente da Terra e guardá-la num único pote para provar ser o mais sábio de todos –, Ananse se revela um grande tolo: depois de um esforço extraordinário para levar o seu tesouro de sabedoria até o Céu, deixa cair o pote ao acenar com todas as suas patas, em comemoração, antegozando o prazer da glória, que não chega.
- Ao tentar prejudicar o vizinho Camaleão, em “Ananse e o caso musical”, armando um plano para se apropriar da plantação viçosa do colega, ele é derrotado: fica sem comida e sem casaco.
- Em “Ananse e os pássaros”, seus sonhos de grandeza o levam a pretender voar. Na festa dos pássaros, disputa os comes e





As histórias de Ananse se inserem num contexto histórico e cultural em que saberes africanos arcaicos convivem com conhecimentos ocidentais modernos. Continuam sendo contadas nos lugares em que sempre o foram e também são divulgadas em outros países e línguas, graças à publicação de livros e sua ampla distribuição. O livro em si é um exemplo das possibilidades de convivência entre tradição e modernidade com proveito para ambas.



bebes, empanturrando-se. Os pássaros o castigam, deixando Ananse cair do céu, mas ele é salvo na última hora pela coruja, a quem havia destrutado. Ela o faz ver que seu dom, tecer o fio, pode salvá-lo da queda.

### A TRADIÇÃO ORAL

Na região de Gana, muitas histórias têm a aranha Ananse como personagem principal. As dez narrativas escolhidas trazem aventuras bem diversas.

Além de uma mesma personagem principal, os contos têm intenção de transmitir ensinamentos. Esse tipo de história, na qual há certa moral a ser extraída do desfecho de cada episódio, é chamada pelos estudiosos de literatura de fábula. É comum que nas fábulas animais falem e ajam como gente (o procedimento ocorre também nas fábulas que La Fontaine coletou do folclore europeu no século XVII).

No folclore brasileiro, há muitas histórias de bichos que falam e agem como humanos, trazendo certa “lição” moral. Influências indígenas, portuguesas e africanas indicam como essas três culturas foram fundamentais para a formação da cultura brasileira e demonstram a universalidade desse tipo de narrativa, contada por muitos povos. Um exemplo dessa mistura é a história “Por que Ananse vive no teto”, que traz elementos também presentes em “O macaco e a velha”, bastante conhecida entre nós.

Entre os povos do oeste da África, os griôs são aqueles que há séculos preservam e transmitem as histórias – principalmente as que se referem aos grandes líderes e à formação dos reinos, mas também às pessoas comuns. A atividade desses contadores de histórias atesta a importância da oralidade nas sociedades da região.

Tradicionalmente, os griôs contavam a história de seu povo na forma de poemas ou canções. Com o passar do tempo e com as mudanças que se processaram nas sociedades africanas, as maneiras de contar as histórias e mesmo alguns de seus episódios foram sendo alterados, de maneira a adaptar as narrativas tradicionais ao mundo em que as pessoas vivem no presente. Essa transformação ocorre com toda narrativa de tradição oral, mas nela há sempre um núcleo que permanece e que corresponde aos valores mais profundos que se pretendem transmitir.

Mais recentemente, sobretudo fora da África, o termo griô se estendeu para as atividades relacionadas à contação de histórias de modo geral, e não apenas para os que contam as histórias ofi-

ciais (como era a tradição antigamente). No Brasil, a atividade exercida pela autora, Adwoa Badoe, ela própria uma espécie de griô, é conhecida como “contadora de histórias”.

### MAGIA, CIÊNCIA E RELIGIÃO

Um dos aspectos fundamentais das histórias de Ananse é o papel da magia nas ações dos personagens, como acontece também nos contos de fada europeus. A magia é uma força que age sobre pessoas, situações e objetos, fazendo com que eles se modifiquem ou se comportem de forma inusitada, surpreendente, extraordinária, em desacordo com suas características ou personalidade e, às vezes, até de maneira fantástica, beirando o impossível. Pela magia, o mundo sobrenatural age sobre o universo cotidiano, natural.

À medida que as sociedades foram se tornando mais complexas, o pensamento mágico e mítico cedeu lugar à religião, e a ciência passou a explicar fenômenos antes atribuídos à natureza, aos espíritos que a regiam, aos deuses que criaram as coisas como elas são, aos ancestrais que, depois de mortos, aconselhavam os vivos nos momentos de dificuldade.

*Na nossa sociedade, regida pelos princípios da razão, da técnica e da ciência, a religião é a forma de se relacionar com o sobrenatural, o mistério, o desconhecido, os seres divinos – elementos de existência que podemos até não entender racionalmente, mas que alguns acreditam ter influência na vida.*

Num mundo em que o saber científico se aprofunda e o desenvolvimento tecnológico está cada vez mais sofisticado, a magia é considerada coisa de tolos ou loucos, daqueles que acreditam em acontecimentos inexplicáveis. Mas aceitamos a magia dos contos de fada e das fábulas, porque essas narrativas não têm compromisso racional e naturalista com a realidade. Elas são invenções literárias feitas para encantar, distrair e ensinar valores, especialmente às crianças.

Mas muitas pessoas ainda se guiam por atitudes e procedimentos “mágicos”: consultam mães e pais-de-santo que servem de intermediários de divindades e espíritos, fazem promessa aos santos católicos e simpatia para ter seu amor correspondido, pedem o auxílio de forças ocultas e sobrenaturais para seu time de coração ganhar o campeonato, oferecem sacrifícios e ex-votos em retribuição de uma graça alcançada.



## ÁFRICA OCIDENTAL

---



### GANA ONTEM E HOJE

Todas as histórias do livro se passam nas aldeias ou em seus arredores, nas plantações, nos matos que as cercam, nos caminhos que ligam um lugar a outro ou que aproximam a Terra do Céu. O tempo é indeterminado, os enredos podem ser atuais ou ter acontecido há séculos. A vida é pautada pelo ritmo da natureza, pelos ensinamentos dos mais velhos, pela economia de subsistência e, eventualmente, por comportamentos mágicos.

No entanto, a Gana contemporânea é feita de muito mais do que a vida tradicional das aldeias e dos antigos reinos. O período de colonização britânica provocou mudanças importantes na economia, na política e nas sociedades locais. A região se tornou fornecedora de matéria-prima para as indústrias européias – minérios, madeiras, cacau, óleo de palmeira, nosso conhecido azeite de dendê. O país exportava essas mercadorias e comprava produtos industrializados que, aos poucos, foram minando as pequenas manufaturas locais.

Ao lado das transformações econômicas, houve a implantação de uma administração colonial (governadores britânicos impunham domínio aos chefes tradicionais) e a adoção de sistemas de educação europeus (que menosprezam os saberes antigos).

As formas tradicionais de vida, porém, continuam sendo predominantes, tal como descritas nas histórias de Ananse, tal como Adwoa Badoe e Baba Wagué Diakité viveram quando eram crianças. A maioria das pessoas planta para comer e, apesar da penetração das mercadorias industrializadas, muitos ganenses ainda fabricam potes de cerâmica e tecidos de algodão, tingidos com corantes variados e confeccionados em muitos padrões.

### HISTÓRIA E COLONIZAÇÃO

A África Ocidental sempre foi fragmentada, formada por muitos reinos. Os povos viviam em aldeias, e cada um tinha um grande chefe local que controlava e governava os territórios sob seu domínio, comercializando com estrangeiros óleo de palma, resinas, ceras, marfim, madeiras, peles e principalmente escravos, desde o século XVII até o século XIX.

Antes disso, os acãs, que eram subdivididos em várias etnias, entre elas os axantes, faziam parcerias com os exploradores no comércio de ouro, extraído das minas no interior da região. Os trabalhadores das minas, com uma situação próxima à dos escr-

O nome Gana vem de um antigo reino de uma região do norte, onde hoje se situa o Mali. Esse reino tinha sido muito poderoso nos séculos XI e XII, quando negociava ouro com os comerciantes muçulmanos provenientes do norte da África. Ao conquistar sua independência, os líderes políticos, entre os quais se destaca Kwame Nkrumah, o primeiro presidente (1960), buscaram resgatar o passado africano no que ele havia de mais glorioso e, assim, escolheram para o país o nome do primeiro reino da África Ocidental registrado pelos textos de viajantes muçulmanos.

vos, eram trocados em feiras, inicialmente com os comerciantes muçulmanos que vinham da região do médio Níger.

Depois entraram em cena, no comércio do ouro, os cristãos europeus, que chegaram pelo Atlântico a partir de meados do século XV. Foi este ouro que alimentou o esplendor da corte de D. Manuel I no início do século XVI. Os portugueses negociavam com os povos acãs perto do forte de São Jorge da Mina, construído em 1482, com a autorização do soberano local.

A produção de ouro deu destaque à região habitada pelos acãs; os axantes foram os que se tornaram mais poderosos a partir do final do século XVII até 1902, quando foram dominados pelos britânicos.

A Inglaterra ocupou a região aos poucos desde cerca de 1870 até os primeiros anos do século XX. Gana só adquiriu seus atuais limites territoriais em 1957, ao se tornar independente.

### HÁBITOS E COSTUMES

A partir do contato com os europeus pelo Atlântico, ocorreram muitas transformações nas sociedades da África Ocidental, na forma de organização das famílias e das aldeias. As mudanças foram irreversíveis. Mais recentemente, os produtos industrializados dominaram o cotidiano mesmo das comunidades mais tradicionais: baldes de plástico, tecidos sintéticos, alimentos processados são mercadorias comuns, ainda que para a maioria a agricultura continue sendo a garantia de sustento. E, apesar de muitos irem morar na cidade e deixarem de prestar solidariedade ao grupo familiar, a família permanece como a forma básica de organização social, e ancestrais e antepassados mortos continuam sendo reverenciados para que iluminem o caminho das pessoas.

Tomando em conjunto a Gana do presente, do passado próximo e do passado mais longínquo, vemos que os acontecimentos narrados nas histórias de Ananse traduzem o que há de mais permanente nos hábitos, costumes e valores tradicionais da região. Por isso, o personagem é visto em Gana como um herói instaurador da cultura.

## TRABALHANDO O TEXTO EM CONJUNTO

1. Uma boa interpretação depende de uma abordagem de texto adequada. Para isso, é importante que o professor defina e aponte certas características essenciais do texto. As histórias de Ananse são um registro escrito de formas orais de narrar, o que



permite diferenciar oralidade e escrita. É possível introduzir a idéia de “gêneros narrativos”: fábula, parábola, conto, romance, biografia, poesia, teatro. E debater os limites entre o real e o imaginário, pensando como a realidade alimenta a imaginação artística e como esta também atua sobre a primeira.

2. Depois dessa conversa inicial, é possível chamar a atenção dos alunos para a importância da oralidade nas culturas africanas. As histórias contadas pelos mais velhos relembram e registram o passado das pessoas e dos grupos. Palavras, gestos, ritos, cerimônias e outros comportamentos tradicionais produzem e transmitem a filosofia – a maneira como um povo organiza seu saber e formula explicações para a existência –, assim como a religião e a relação com o mundo dos espíritos e dos deuses. A oralidade ainda tem papel central na cultura africana de hoje, mas convive com a escrita, com formas de pensamento ocidentais de matriz européia, com o conhecimento científico e tecnológico.

3. A geografia da África Ocidental ou do Oeste pode ser explorada com apoio de mapas e enciclopédias. As informações geográficas e históricas são fartas. O tipo de cobertura vegetal é de áreas de floresta na faixa mais próxima à costa e de campos de savana que avançam para o interior, em direção à curva que faz o rio Níger, bem mais ao norte, já no limite do deserto do Saara. O rio Volta é o maior da região e possui um enorme lago. No passado, o território era coberto de florestas, que por séculos foram derrubadas para dar lugar à agricultura de subsistência, para alimentar os fornos que fundiam o ouro e outros metais, para o plantio extensivo de palmeiras, cacau e café.

Os recursos naturais de Gana hoje são produtos agrícolas para exportação, minérios e petróleo, mas a agricultura de subsistência e as feiras locais ainda têm grande importância para a vida cotidiana da maior parte da população.

4. A vida cotidiana e a organização da aldeia é um ótimo assunto para conversas em sala de aula: os cuidados com a casa, com a família, com a plantação; a divisão do trabalho (homens cuidam da plantação e mulheres cozinham e cuidam dos filhos – porém é preciso lembrar que em outras regiões são as mulheres que cuidam das plantações, e os homens fazem os serviços mais pesados); a importância dos ciclos da natureza, principalmente da chuva e do sol; os momentos de festa e cerimônia, como na colheita, nos casamentos e funerais; as feiras, que ajudam a estabelecer relações entre as aldeias; formas de governar e legislar







– juízes, o conselho de anciãos e o chefe –; o papel de especialistas em conhecimentos mágico-religiosos, chamados de “feiticeiros” pelos europeus, que intercedem pelos homens perante os espíritos e os deuses. Merecem destaque ainda a importância da solidariedade entre os vizinhos e a família e o lugar privilegiado que a sabedoria ocupa nessas sociedades.

5. Livros sobre arte africana permitem mostrar imagens de objetos da cultura artesanal axante, como a variedade de enfeites de ouro (pulseiras, brincos, anéis, peitorais, bastões), os tecidos de padrões variados, os adereços de coral de uso exclusivo dos grandes chefes (como os adés, que cobrem todo o rosto com contas justapostas e se parecem com adereços usados por entidades do candomblé no Brasil). A arquitetura dos palácios antigos, decorados com motivos geométricos pintados nas paredes de barro, aparece em algumas gravuras. Obras de artistas contemporâneos, como o que pintou os azulejos que ilustram o livro, em geral despertam grande interesse nos alunos.
6. Por fim, não se pode esquecer a profunda influência da cultura africana no Brasil. Os alunos podem fazer uma boa pesquisa sobre esse tema, localizando a intensa e variada presença de elementos das culturas africanas entre nós.

## SUGESTÕES DE LEITURA PARA O PROFESSOR

- O livro de Amadou Hampâté Bâ, *Amkoullel, o menino fula* (São Paulo: Palas Athena e Casa das Áfricas, 2003), informa, de maneira sensível e envolvente, como viviam as pessoas de uma região do Mali no final do século XIX e início do século XX.
- *A experiência africana. Da pré-história aos dias atuais*, de Roland Oliver (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994), é uma boa introdução à história da África, organizada por temas. O livro trata da África Ocidental em alguns capítulos, especialmente aquele intitulado “Senhores e escravos”, onde se fala da região dos acãs e do comércio de ouro.
- *História da África negra pré-colonial*, de Mário Maestri (Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988), é uma introdução básica à história da África antes da ocupação colonial do século XIX.
- *A manilha e o libambo. A África e a escravidão de 1500 a 1700*, de Alberto da Costa e Silva (Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Fundação Biblioteca Nacional, 2002), é um extenso trabalho



sobre a história africana no período indicado. Um dos capítulos, “A costa do ouro”, é dedicado exclusivamente à região da atual Gana. É um livro indispensável para quem deseja se aprofundar no assunto.

- Do mesmo autor, Alberto da Costa e Silva, *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos* (Rio de Janeiro: Ed. Uerj e Nova Fronteira, 2004) é a história de um traficante de escravos nascido no Brasil e que fez grande fortuna na costa ocidental da África, onde mantinha estreitas relações com o rei do Daomé, reino vizinho a Axante. Ótimo para entender como se dava o comércio de escravos.
- Para contato direto com relatos que registraram informações sobre as sociedades africanas, há uma coletânea de diversas narrativas organizada por Catherine Coquery-Vidrovich: *A descoberta de África* (Lisboa: Edições 70, 2004). Uma ótima visão das fontes historiográficas sobre a África ocidental do século XI ao XIX.
- *África e Brasil africano*, de Marina de Mello e Souza (São Paulo: Ática, 2006), é voltado para o aluno do ensino médio, mas pode ser útil também ao professor que quiser aprofundar temas abordados neste guia e nas *Histórias de Ananse*.

## SUGESTÕES DE LEITURA PARA O ALUNO

---

- *Mzungu*. Meja Mwangi (São Paulo: Edições SM, coleção Barco a Vapor, 2006).
- *As panquecas de Mama Panya*. Mary e Rich Chamberlin (São Paulo: Edições SM, coleção Cantos do Mundo, 2005).
- *O chamado de Sosu*. Meshack Asare (São Paulo: Edições SM, coleção Cantos do Mundo, 2005).

### SITE

- Casa das Áfricas, <http://www.casadasafricas.org.br>. Espaço cultural e de estudos sobre as sociedades africanas. Um dos melhores e mais completos sites sobre o assunto.

---

ELABORAÇÃO DO GUIA MARINA DE MELLO E SOUZA  
(PROFESSORA DE HISTÓRIA DA ÁFRICA DA UNIVERSIDADE  
DE SÃO PAULO (USP) E AUTORA DE *ÁFRICA E BRASIL  
AFRICANO*); PREPARAÇÃO BRUNO ZENI; REVISÃO CARLA  
MELLO MOREIRA E GISLAINE MARIA DA SILVA

